JORNAL DO POVO PARA O POVO

SÁBADO 17
1975
ANO ◇ XVI ◇ N.º 783 MAIO
Director: *Francisco Lopes da Cruz*

a

voz de timor

TL Foto

TRISTES CANÇÕES DUM POVO
QUE REVIVE
FEITOS DOUTRAS ERAS AO
SOM DA GUERRA
E NÃO DESEJA AGORA QUE
O PRIVE
DA HONRA DE PÁTRIA
CHAMAR SUA TERRA

ENSAIO...

POEMAS DE J. A. GUSMÃO PRIMEIRO PRÉMIO DO CONCURSO LITERÁRIO DE 1975 DO CENTRO DE TURISMO.

Estas últimas estrofes da 1.ª parte de um ensaio poético de José Alexandre Gusmão, um filho da terra que sente, que vive e que exprime a odisseia de um povo de que ele é parte, o Povo Timor agora às portas de uma era que ficará marcada na História pela transformação de que o mesmo Povo será capaz.

Compõem-se este ensaio de IV Partes que traremos às colunas deste jornal.

Lembramos que esta obra é um dos trabalhos presentes ao Concurso Literário promovido pelo Centro de Informação e Turismo de Timor (CIT), tendo sido 1.º classificada.

Mas... «DA PLANÍCIE MANSA A MENSAGEM VOA»..., esta mensagem que os versos de Gusmão contêm e que falam melhor que a nossa prosa de apresentação.

I PARTE

A [illegible]e lusa a nossa homenagem
Sinfonia, sem peias, de cujo brilho
Ao vento da história deu viragem,
Limpou do fascismo o pecadilho,
Permitiu a humanos de outra raça
tratarem-se todos com igualdade.
Se, outrora, eram menos que a pobre traça
O apanágio, agora, é irmandade.

Da África deu aos negros liberdade
De escolher caminho pr'a seu futuro
Pôs termo à guerra e à falsidade
Dum governo podre e regime duro.
Optaram as colónias pl'a Independência
E o eco a Timor também chegou:
Criaram-se os partidos com veemência
E cada um as suas teses expressou.

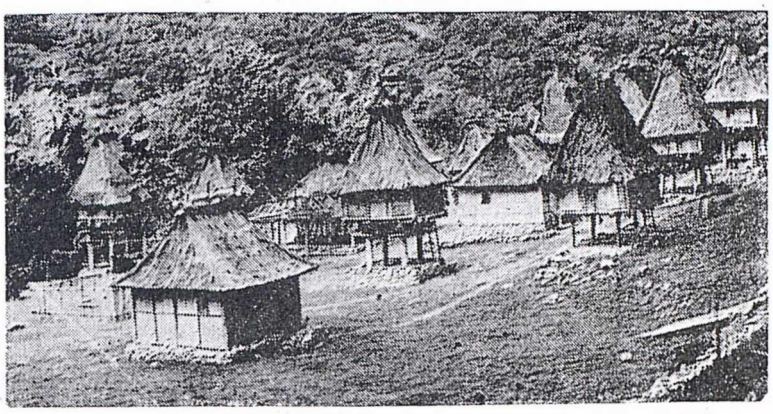
Corações haurindo o querer do povo
Espezinhado, dócil e esquecido,
Para a nova vida, um sentido novo
Em termo democrático embebido.
Frente de combate — um alicerce
De um labor profícuo e persistente,
Toda a base ruim cortada cerce
É necessidade e dever premente.

Se nesta ideia há revolução
Para os oprimidos um lenitivo.
Que tremam os tronos da corrupção
Que tão palpável era, tão ao vivo!
Sua honra empenharam a bom dinheiro,
Baixeza de carácter demonstraram,
O vencimento ia todo p'ra o mealheiro
Ainda faustaosa vida levaram!

I PARTE

Desmantelar as bases do fascismo,
Do povo ao encontro ir dos interesses,
Esquecer os problemas de racismo,
Destruir a ideia dos benesses,
Implantar uma sã democracia
Que servirá o Mau-Bere e, só assim,
Ter-se-á lutado um pouco e por via
Da única e legítima Fretilin!

Beijando o azul celeste as montanhas
Do povo simples, da terra, que albergam
Em santa ingenuidade — Oh! estranhas
Mentes que de místico só enxergam! —,
A semente cai e logo o fruto colhe
Em rica terra onde sorri verdura,
(Que o mafioso maneirismo tolhe?)
A ânsia de ser livre é grande, pura!



Fervendo o quente sangue tropical
Sua voz acima se alevanta,
Dentre lamúrias e queixinhas tal
Mais alto soa e o seu Hino encanta.
Da obra magna mesteréis valentes
O povo grita e aclama o grande nome.
Oh! a juventude e o querer ardente.
Ideias não há nem força que dome.

Do mar salgado, rota de epopeias
De mareante que a esta ilha buscaram
Fama, riqueza vária e das sereias
Os seus lamentos, formas suas cantaram,
As ondas dóceis já entoam baixinho
Da liberdade o hino que ouviram
E os corais, lado a lado, em burburinho
Ao céu, vir à terra, até pediram.

Da planície mansa a mensagem voa
Da cabana a porta ela vai bater,
Para outra ainda toma rumo e escoa,
Dá vida ao povo rude de sofrer,
Palmeiras que verdejam na campina
Esguios, roçando o vento, os coqueiros
Antenas que transmitem e à surdina
Acenam, como porto, aos pobres beiros

Passados heróicos, de povoações,
Em guerras de espadas, setas e lanças
Legaram, os maiores, e ambições
E seu sentir, viver e suas danças.
A palavra entra e em cada casa
Vai adocicar o tormento amargo,
Dá a todos do pensamento asa
Para alterar a sua vida em letargo.

Combatem-se teorias de ilusões
Da pátria o povo sente mais amor,
Em qualquer suco e ainda em povoações
Timorense já se chama timor.
Qual bola de neve em país de sol,
De acácias rubras e mangueiras em flor,
A frente se agiganta mais em prol
Da terra por que luta com ardor.

Altas nuvens riscando o céu anil
Negrura de noite que se avizinha,
Tristonho búfalo volta ao redil
E ouve pachorrento a ladainha:
Tristes canções dum povo que revive
Feitos doutras eras, ao som da guerra,
E não deseja, agora, que o prive
Da Honra de Pátria chamar sua Terra!

"A Voz de Timor"
17/5/1975